

SANGUE NA PÁGINA E NA TELA: A EXPLORAÇÃO DA VIOLÊNCIA EM TROPA DE ELITE 2 E O MATADOR

SANGRE EN LA PÁGINA Y EN LA PANTALLA: LA EXPLORACIÓN
DE LA VIOLENCIA EN TROPA DE ELITE 2 Y O MATADOR

Amália Cardona Leites¹
Samantha Borges²
Rosani Ketzer Umbach³

RESUMO: O artigo propõe uma análise comparatista entre o filme *Tropa de Elite 2 – o inimigo agora é outro*, de direção de José Padilha, e a obra literária *O Matador*, da escritora Patrícia Melo, a partir da lógica da violência apresentada em ambos os produtos. Também são comparados alguns aspectos semelhantes dos protagonistas das duas narrativas, em que se coloca a perspectiva de personagens em posições sociais diferentes, mas que vivenciam de maneira análoga o limite entre as condutas do bem e do mal. O objetivo da análise é tentar compreender como a temática da violência relaciona-se com aspectos simbólicos da realidade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Tropa de Elite. Patrícia Melo.

1 Violência: um novo elo entre expressões culturais contemporâneas

A violência ganhou espaço na produção cultural brasileira tanto no campo cinematográfico, quanto no literário. Segundo Pellegrini, essa temática passou a protagonizar as construções representativas da sociedade em especial a partir da década de 60, com a ditadura militar e, principalmente, pelo avanço econômico, pela industrialização e pela urbanização do país:

A industrialização crescente desses anos vai – em última instância – dar força à ficção centrada na vida dos grandes centros, que incham e se deterioram; daí a ênfase em todos os problemas sociais e existenciais decorrentes, entre eles a ascensão da violência a níveis insuportáveis. Está formado o novo cenário para a revitalização do realismo e do naturalismo, agora com tintas mais sombrias, não mais divididos em “campo” e “cidade”, como antes, mas ancorados numa única matéria bruta, fértil e muito real: a cidade cindida, ou seja, já irremediavelmente dividida em “centro” e “periferia”, em “favela” e “asfalto”, em “cidade” e “subúrbio”, em “bairro” e “orla”, dependendo o uso desses termos da região do país (PELLEGRINI, 2008, p. 19).

¹ Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
E-mail: amaliacardona@gmail.com

² Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Santa Maria UFSM).
E-mail: samanthajornalista@gmail.com

³ Doutora em Germanística pela Universidade Livre de Berlin. Prof. a UFSM.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. xx-yy, jan.-jul., 2011. Recebido em 29 maio; aceito em 7 jun. 2011.

Partindo desse contexto, o artigo pretende discutir a temática da violência através dos dois produtos culturais contemporâneos: o livro *O Matador*, de autoria de Patrícia Melo e o filme *Tropa de Elite 2 – O inimigo agora é outro*, com direção de José Padilha. O enfoque fica na análise de como cada produção aborda a violência, ambas mostrando a formação de milícias ou grupos de extermínio que supostamente garantem a proteção da comunidade com a qual estão envolvidos. Além disso, analisam-se os protagonistas imersos em uma realidade de violência, porém em posições diferentes: um é “filho” da favela, o estereótipo do indivíduo marginalizado, vítima de uma conjuntura social de exclusão, apresentado como um assassino cruel, sem limites morais, que diante do certo e do errado, do bem e do mal, toma a atitude que lhe for mais conveniente, sendo incapaz de alcançar alguma compreensão sobre as consequências de seus atos; o outro é um indivíduo que se molda aos padrões sociais aceitos – pai de família, trabalhador -, mas ao mesmo tempo convive diretamente com uma rotina de violência, sendo ele próprio capaz de muitas barbáries, porém tendo plena consciência de suas atitudes e de seu entorno social, e justamente por isso vivendo atormentado por conflitos pessoais e mergulhado em contradições.

Primeiramente obra literária e longa-metragem são apresentados e analisados separadamente, destacando características principais de cada um, suas personagens e suas relações com a violência e a corrupção. Depois o artigo aborda uma breve comparação entre as duas produções simbólicas, detalhando algumas passagens que as aproximam e assemelham.

2 Violência em *Tropa de elite 2*

O cinema, consagrado como arte de representação, seja da realidade, seja da fantasia, desde o século XIX, é um dos meios de comunicação mais expressivos da humanidade. Leva o homem do real ao sonho, da comoção ao medo, do entretenimento à reflexão. Os Estados Unidos tornaram-se sede de uma gigantesca indústria cinematográfica. No Brasil, o cinema teve suas primeiras experiências desenvolvidas durante o período modernista do país, e desde seu surgimento manteve relações com a literatura e tornou-se um meio de produção simbólica da cultura nacional:

A revista modernista *Klaxon* considerou o cinema “[...] a criação artística mais representativa” daquela época. Sua linguagem influenciou o estilo literário de diversos autores, como Oswald de Andrade, que construiu, sob a inspiração da montagem dos filmes, das fusões e cortes, do uso do subentendimento, seu romance de estreia: *Os Condenados* (SIMIS, 1996, p. 21).

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. xx-yy, jan.-jul., 2011. Recebido em 29 maio; aceito em 7 jun. 2011.

Ao longo do século XX, a produção nacional passou por diferentes fases, do “cinema mudo” às “chanchadas” e do “cinema novo”, na década de 60, que consagrou cineastas como Glauber Rocha, à chamada “retomada” do cinema brasileiro, na década de 90, que mesmo enfrentando políticas comerciais que estimulavam mais o consumo dos produtos norte-americanos que os nacionais, conseguiu produzir filmes aclamados pela crítica tanto interna, quanto externa⁴. Produções como *O Quatrilho* (1994), *O que é isso Companheiro* (1997) e *Central do Brasil* (1998), alcançaram indicação ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro e premiações consagradas como o Urso de Ouro do Festival de Berlim.

Porém, é no século XXI que, estimulado pelo apoio de empresas estatais como Petrobrás, BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento) e Eletrobrás, e com medidas que permitiram que redes de televisão pudessem captar recursos das leis de renúncia fiscal, o cinema nacional dá um salto tanto em qualidade técnica, quanto em número de produções⁵. As salas de cinema com exibição de películas brasileiras voltam a lotar. O cinema brasileiro entra na era do *blockbuster*, ou seja, os filmes são lançados com expressivo apelo publicitário e com grande número de cópias.

Sem aprofundar os aspectos técnicos ou retrospectivos dessa primeira década de ascensão do filme brasileiro, pretende-se chamar a atenção para uma temática recorrente. Que discurso os filmes nacionais de sucesso estão desenvolvendo e o que estão representando? Os assuntos abordados são indiscutivelmente variados, porém, as produções que se destacaram e trouxeram à luz reflexões políticas e sociais contemporâneas importantes, têm como pano de fundo um aspecto essencial: o contexto da violência. E esse tema ainda se alia a uma linguagem audiovisual veloz, tensa, com ação, aproximando-se do estilo de cinema norte-americano.

Diante desse panorama, uma superprodução nacional ganha vulto: *Tropa de Elite*. Lançado no ano de 2007, o filme é baseado na rotina da polícia militar do Rio de Janeiro, em especial na atuação do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), responsável por atividades articuladas – próximas muitas vezes de táticas de guerra - no combate ao tráfico e ao crime nas favelas do Rio. A produção mostra tanto a violência do treinamento pelo qual se submetem os aspirantes ao BOPE, quanto a que é exercida por seus integrantes em suas investidas a traficantes e criminosos. Cenas de crueldade explícita, muito próximas à tortura, imagens da miséria e do submundo social da metrópole, a marginalidade mostrada quase ao ponto

⁴ Dados disponíveis no site www.dc.mre.gov.br, do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

⁵ Dados disponíveis no site www.ancine.gov.br, da Agência Nacional do Cinema.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. xx-yy, jan.-jul., 2011. Recebido em 29 maio; aceito em 7 jun. 2011.

da barbárie, chocaram muitos telespectadores e deram projeção e visibilidade midiática à produção. Por isso, o filme provocou discussões intensas em torno da problemática da violência combatida com mais violência.

O sucesso da produção levou à continuação da saga da personagem principal, Capitão Nascimento. Assim, em outubro de 2010, foi lançado em todo o país *Tropa de Elite 2 – O inimigo agora é outro*. A história do segundo longa-metragem se passa 13 anos após a do primeiro filme. Capitão Nascimento agora é Coronel do BOPE, comandando as operações do batalhão. O filme é visivelmente menos violento que o primeiro, já que agora o foco temático, juntamente com a violência, é a corrupção: corrupção da polícia militar do estado do Rio de Janeiro através da atuação de milícias nas favelas, e corrupção política, em que se percebe que as decisões destes representantes não são pautadas com vistas ao desenvolvimento social, mas sim pelos projetos de reeleição. O novo filme mais uma vez lota as salas de projeção nacionais, tornando-se a película mais assistida na história do cinema no país, com mais de 11 milhões de telespectadores. E a questão fundamental que surge diante de tamanha aceitação ao filme é: o que leva ao sucesso estrondoso de uma história que mostra com frieza chagas sociais tão caras à realidade brasileira?

Segundo o diretor da produção cinematográfica, José Padilha, a premissa do filme é mostrar como o Estado contribui na atomização da violência, através da má administração de instituições que deveriam coibir a criminalidade e ainda gerar reflexão sobre a violência e a corrupção, como declara em uma entrevista no site do filme:

Tentei fazer um cinema que comenta a violência urbana através da sua dramaturgia, e não por meio de metáforas ou de discursos intelectualizados [...] cujo objetivo foi o de gerar uma inquietação no espectador, de lhe proporcionar uma experiência que se transforma em reflexão após o filme, e não necessariamente durante a sua projeção⁶.

Justamente a união de uma temática que prende a atenção do telespectador a ponto de gerar reflexão sobre seu ambiente social com um ritmo de filme de ação ao estilo norte-americano, é uma das chaves para o sucesso da projeção. O enredo realiza uma mistura entre crítica social e a figura supostamente heróica do protagonista. A princípio acredita-se até mesmo que se terá a clássica figura do herói, explicitada em uma das falas de Nascimento: “*A minha missão era mais importante que os meus problemas pessoais*”.

No entanto, no decorrer do filme percebe-se que esse artifício serve apenas para conquistar o telespectador, pois na verdade Coronel Nascimento é capaz tanto de atitudes de

⁶ Disponível em www.tropa2.com.br

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. xx-yy, jan.-jul., 2011. Recebido em 29 maio; aceito em 7 jun. 2011.

“mocinho”, quanto de “bandido”. A figura da personagem principal, que coloca sua missão de combater o crime acima de seus anseios próprios, constrói a empatia necessária entre o protagonista e o telespectador, que acaba convencido pela célebre frase “*para o povo, parceiro, bandido bom, é bandido morto*”. Mas isso só ocorre em um jogo em que o espectador é seduzido a acreditar que a violência cometida pelo BOPE é justificada enquanto atitude que visa exterminar o marginal em prol do bom cidadão.

Esse sentimento de identificação do telespectador com a personagem principal do filme traz à tona a dicotomia entre o bem e o mal. Porém, no filme, o bem não é idealizado, romantizado, já que ele pode expressar-se também com características do mal, como a violência, que é mostrada com uma imagética realista. Logo, há uma condição de mistura entre bem e mal, um apagamento entre seus limites. Coronel Nascimento não é totalmente bom, mas sim uma composição de vários sujeitos, ora extremamente cruel e violento, ora “heróico” ao acreditar que está em defesa de um ideal social e coletivo, ora solitário e perturbado, incapaz de vivenciar relações saudáveis com sua própria família.

Este estereótipo vai ao encontro da perda da totalidade pela qual passam os indivíduos retratados nos produtos simbólicos da contemporaneidade:

Com a emergência do homem pós-moderno, atingimos um ponto em que o raciocínio moral chega ao fim. Quando abandonamos a busca secular da coerência, da forjatura de uma identidade singular, de uma visão unificadora, ficamos sem um princípio orientador e não temos outra alternativa senão seguir as injunções do momento (KEEN, 1991, p. 111).

O filme inclusive inicia com uma fala do Coronel Nascimento que descreve um pouco de sua ambiguidade, enquanto bom cidadão, bom policial, mas ao mesmo tempo fruto de uma sociedade que o obriga a usar a violência e ações bárbaras em defesa de um bem maior:

Pode até parecer clichê de filme americano, mas é na hora da morte que a gente entende a vida. Eu dei muita porrada em viciado, esculachei muito policial corrupto, mandei um monte de vagabundo pra vala, mas não foi nada pessoal. A sociedade me preparou pra isso. E missão dada, parceiro, é missão cumprida.

É esse protagonista plural, ambíguo e intenso que se vê diante de uma corrupção generalizada, tanto dentro da política, quanto dentro da própria polícia militar. Ao se tornar Sub-Secretário da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, responsável pela escuta de todos os “grampos” da cidade, Nascimento acredita que enfim conseguirá aplacar o tráfico de drogas nos morros cariocas. Porém, saem de cena os traficantes, mas o palco é rapidamente substituído por policiais corruptos que em troca da suposta defesa da favela contra o tráfico, estabelecem uma nova ordem. *Revista Literatura em Debate*, v. 5, n. 8, p. xx-yy, jan.-jul., 2011. Recebido em 29 maio; aceito em 7 jun. 2011.

cem um sistema de milícias que dominam o comércio local, gerando um superfaturamento ilícito que beneficia somente os próprios policiais. A “pacificação” dos morros ainda é utilizada como estratégia eleitoreira de candidatos à reeleição.

3 Violência em *O Matador*

Como mencionado acima, a palavra literária e a imagem fílmica tem se misturado cada vez mais nas últimas décadas, o que faz com que autores contemporâneos utilizem também técnicas narrativas que tornam a obra possível de ser lida qual roteiro de um filme - como se passassem do imaginário cinematográfico do criador diretamente para páginas em branco de um livro (CUNHA, 1999). Ao abordar a temática da vida na periferia, a violência torna-se não raro elemento central da narrativa, e o leitor da classe média é convidado a ser cúmplice do escritor e fazer parte de um mundo onde as regras são diferentes daquelas transmitidas pelo Fantástico com seus “conciliadores”.

Neste diálogo interartes destaca-se a escritora Patrícia Melo: Sua obra *O Matador* (1995) conquistou prêmios na França (Deux Océans) e na Alemanha (Deutsch Krimi), sendo indicada para o Prix Femina de romance estrangeiro, em um júri composto somente por mulheres. Junto com *Elogio da Mentira* (1998), seus direitos foram vendidos para a Inglaterra, Alemanha, França, Itália, Espanha e Holanda, entre outros países. Em 1999, foi incluída na lista da Time Magazine entre os cinquenta “Latin-American Leaders for the New Millennium”. A escritora publicou ainda *Acqua Toffana* (1994), *Inferno* (2000), *Valsa Negra* (2003), *Mundo Perdido* (2006), *Jonas, o Copromanta*, (2008) e *Ladrão de Cadáveres* (2010).

No romance de Patrícia Melo o leitor é apresentado a Máiquel, um morador do subúrbio de São Paulo que ao perder uma aposta de futebol tingi os cabelos de loiro. A mudança estética provoca uma transformação interna: Máiquel torna-se, segundo ele mesmo, um sujeito de “traços harmônicos”, com um rosto emoldurado de luz, “próximo de Deus”. Autoconfiante, chega a um bar onde acaba discutindo com um amigo, Suel. A briga, que não deveria ser levada a sério, toma um rumo imprevisto devido exatamente à nova autoconfiança do protagonista, que acaba por matar Suel pelas costas. Surpreendentemente, ele não é procurado pela polícia, mas elogiado por ter exterminado o conhecido ladrão de toca-fitas dos carros do bairro. Com a fama adquirida pela primeira morte, Máiquel é contratado por seu dentista, Dr. Carvalho, para eliminar o suposto estuprador de sua filha, em troca de um tratamento dentário para o qual não tem dinheiro. Após este assassinato, o círculo de amigos do dentista passa a

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. xx-yy, jan.-jul., 2011. Recebido em 29 maio; aceito em 7 jun. 2011.

contratar o jovem para encarregar-se de outras mortes por encomenda, até chegar o dia do próprio delegado local, Santana, oferecer-lhe parceria na criação de uma empresa de segurança que na verdade é um esquadrão da morte. Nesta etapa de sua vida, ele é reconhecido como protetor de sua comunidade e chegará a ser condecorado.

Como uma versão às avessas da alegoria da caverna, de Platão, a jornada de Máiquel e sua relação com a violência passa por diferentes etapas: enquanto em Platão os homens levados à força em direção ao sol sofrem e ficam momentaneamente cegos até se acostumarem com a luz, também Máiquel primeiramente entra em conflito quanto à sua nova condição:

Eu estava desempregado. Pragas. Eu estava sem dinheiro nenhum, eu precisava daquele dinheiro. Negros. Vomitei pensando no que eu poderia comprar com aquele dinheiro. [...] Lavei o rosto, eles estavam lá na sala, esperando a minha resposta. Sim ou não. Comida. Automóvel. Relógio. Cobertor. Sentei no vaso e fiquei pensando” (MELO, 2003, p. 64).

Máiquel pensa em casar com a namorada, ter um trabalho comum, viver uma vida comum. Mas a conjuntura de sua existência é outra, e pela força das circunstâncias, a personagem adapta-se aos poucos até incorporar totalmente sua nova personalidade, como os olhos habitam-se à claridade: “Eu vou te matar, seu filho da puta, eu vou te matar porque, a partir de agora, eu sou o matador. Eu sou a grade, o cachorro, o muro, o caco de vidro afiado. Eu sou o arame farpado, a porta blindada. Eu sou o Matador. Bang. Bang. Bang.” (*Ibid.*, p. 92).

Nessa caminhada que leva à concretização de sua condição de assassino profissional e ao ápice de sua carreira, Máiquel conhece a fama, o dinheiro, o *status* perante a sociedade. Recém-saído da alegórica caverna de uma vida miserável na periferia da capital ele convive agora em relativa harmonia no novo meio, e disfruta tal condição sem quaisquer dilemas morais quanto ao tipo de “serviços” prestados por sua empresa. A postura de Máiquel demonstra, enquanto a situação se mantém sob controle, que além de ser indiferente à própria decadência, ele acredita que está realmente fazendo o bem para sua comunidade: “Filantropia para a polícia, é isso o que você faz. Filantropia, eu repeti, filantropia.” (*Ibid.*, p. 123). Some-se a isso o desejo de aceitação (no meio composto pelo Dr. Carvalho e seus amigos), o anseio por riqueza e o prazer proporcionado pelo poder advindo de sua condição de matador, e temos um assassino profissional assaz eficiente, que inclusive receberá o reconhecimento da sociedade ao receber a medalha de Cidadão do Ano pelos serviços prestados.

A medalha é resultado do trabalho “exemplar” promovido pelo bem organizado esquema existente entre a “empresa de vigilância e segurança patrimonial” Ombra - de proprie-

dade de Máiquel e do delegado – e a polícia. Na verdade, ao mesmo tempo em que cobrava dos moradores da comunidade para garantir a segurança no bairro, a própria empresa era o inimigo que deveria ser temido, o que tornava a eficácia do processo garantida. Este esquema funcionava enquanto eram mortos apenas “delinquentes”. Mas uma reviravolta acontece quando, no dia posterior à condecoração, Máiquel é abandonado pela mulher e passa a estar sob a mira de investigações policiais por ter agredido um pastor. Ele busca ajuda de Santana e de Dr. Carvalho, sem sucesso. Exasperado, o protagonista finalmente percebe o contraditório da situação: “Na noite anterior eu tinha recebido uma medalha pelos serviços prestados à comunidade, não eram nem três horas da tarde e eles já tinham mudado de ideia. Pedaco de cocô. Que tipo de gente era aquela? O que eles queriam afinal?” (*Ibid.*, p. 174).

Máiquel sai sem rumo, bebe em excesso e mata um menino comum, de família - não um delinquente como os anteriores. Além disso, deixa um bilhete escrito com sangue no cadáver: “Viva o futuro!” Aqueles que haviam promovido sua ascensão social não só se afastaram, mas também se tornaram inimigos perigosos - e é o delegado Santana, seu antigo “sócio”, que acaba por levá-lo à cadeia. O Cidadão do Ano passa a ser conhecido como o Matorador da Zona Sul. Após sobreviver a uma tentativa de assassinato na prisão, compra sua fuga e vai atrás de Santana e Dr. Carvalho, matando-os e fugindo em seguida.

Seria fácil reduzir a obra à história de um assassino à sangue-frio, um criminoso que deveria ser eliminado o mais rápido possível. Mas é impossível negar os conflitos pelos quais Máiquel passa intimamente, e de que forma as circunstâncias (como a gravidez inesperada da namorada e a conseqüente necessidade de dinheiro) montam-se de uma forma na qual o protagonista não vê outra saída a não ser seguir o fluxo e deixar-se levar. Além de falar diversas vezes em largar o trabalho de matador, passa a demonstrar, com o passar do tempo, saber que havia ido longe demais, não ter mais volta ou forma de remediar tantos erros, e ter que incorporar essa personalidade de forma definitiva.

Mas ademais dos aspectos psicológicos do protagonista, o que se propõe aqui é discutir qual a posição de Máiquel neste cenário. Para os empresários de classe média que pagam por seus serviços, mandando assassinar desde ladrões até sindicalistas, ele está realmente fazendo o bem. Na *mediocracia* brasileira, importa, sobretudo, a condição da classe média, que detém o poder econômico, e a manutenção de seu bem-estar. As classes populares são lembradas apenas em época de eleição – como mostra a película analisada – restando à periferia estabelecer suas próprias regras e jogar seus próprios jogos, comumente caracterizados pela violência física ou psicológica. E a violência, por qualquer ângulo que se olhe, é o elemento

constitutivo e fundador a partir do qual se organizou a própria ordem social brasileira, como afirma Pellegrini (2005).

4 Mudam os atores, permanece a temática: um diálogo entre *O Matador* e *Tropa de elite 2*

Quando a violência é representada, nunca é recebida de forma impassível pelo público, sendo mesmo um importante agente nas dinâmicas sociais e culturais brasileiras:

Nos meios de comunicação de massa, a violência encontrou um lugar de destaque e, pelo seu poder de fascínio ambíguo, porém efetivo, entre atração e rejeição, tornou-se uma mercadoria de grande valor, explorada por todos os meios, sem exceção, em graus mais ou menos problemáticos (SCHOLLAMMER, 2007, p. 28).

Não é o objetivo realizar julgamentos de índole moral sobre as personagens, ou mesmo sobre a popularização de narrativas com temáticas violentas. Não está sob análise o porquê de a sociedade brasileira estar consumindo cada vez mais produtos culturais que expressam a banalização da morte e da violência, aproximando-se dos gostos norte-americanos. Neste trabalho busca-se observar de que forma *O Matador* e *Tropa de Elite 2* relacionam-se com este processo de simbolização da realidade social, ao apresentarem histórias encharcadas de sangue e crueldade, em que a morte é continuamente explorada. Máique! não apenas mata Ezequiel (sua segunda vítima) a tiros, mas também a pauladas, furando-lhe, ainda, os olhos. Sua esposa é estrangulada (“[...] apertei, apertei, apertei e só parei quando ouvi o osso do pescoço se partir”) após uma briga, e o corpo é enterrado, desenterrado e levado por vários lugares até ser definitivamente escondido. O delegado Santana é assassinado na frente de toda a família, em uma churrascaria, e Dr. Carvalho é surpreendido após o banho em sua casa, nu. Tudo isso acontece com frio detalhamento “Depois eu fiquei sabendo que tiveram que lacrar o caixão de Santana. Não conseguiram juntar os pedaços do cérebro que ficaram caídos no restaurante” (MELO, 2003. p. 197).

Já em *Tropa de Elite 2*, a morte também é constantemente mostrada de forma crua e direta, como na cena que uma rebelião é controlada através de um confronto no qual dezenas de presidiários são mortos e é enfatizado e mostrado sem cortes a forma como o líder da prisão é morto “O problema, parceiro, é que um tiro de 762 faz um furo pequeno na entrada, mas o buraco de saída é to tamanho de uma tangerina”; no momento em que o policial André Mathias é assassinado por seu colega corrupto, com um tiro à queima roupa, pelas costas; ou quando uma jornalista é estuprada, morta, tem os dentes extraídos e o corpo queimado por tentar denunciar as ações corruptas das milícias cariocas.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. xx-yy, jan.-jul., 2011. Recebido em 29 maio; aceito em 7 jun. 2011.

Ambas narrativas também coincidem ao apresentarem os conceitos de bem e mal transformados. Máiquel é contratado primeiramente por empresários da classe média que interpretam a Bíblia de forma a justificar seus atos na lei do “olho por olho, dente por dente”. Assim, no contexto de *O Matador*, Máiquel não está do mesmo lado dos bandidos, ainda que seja um assassino – pois seu trabalho é fazer “justiça” contra os estupradores, assaltantes e criminosos em geral. O que dizer então de uma equipe de assassinos profissionais que é a responsável por garantir a segurança de um bairro na periferia? Mais, a empresa é vista como útil e necessária para manter a paz na comunidade, tanto pelo ponto de vista do Clube Recreativo de Santo Amaro, que o condecora como “Cidadão do Ano”, quanto pelos moradores em geral. Partindo do princípio que os discordantes desta ideia são mortos, compreende-se facilmente o respeito geral que a Ombra adquire.

Não obstante, em *Tropa de Elite 2*, as milícias são oriundas de dentro da própria polícia e exigem dinheiro dos moradores da favela para fazer sua proteção. Ao desarmar o esquema do tráfico, o protagonista acaba abrindo espaço para que a polícia obtenha vantagens através do controle ilegal do comércio da favela. Nas duas obras, observa-se primeiramente a falência de um sistema policial eficiente, capaz de aplicar a justiça com honestidade e transparência. E em segundo lugar, diante de um contexto em que o poder judiciário fecha seus olhos diante do crime, ele mesmo se corrompe através de delegados, policiais militares e outros profissionais de um setor que deveria ser exemplo de integridade. Para sobreviver na “selva” suburbana, policial e bandido se equiparam e tornam-se aliados. A população acredita estar sendo protegida da “bandidagem”, porém, seus defensores não estão agindo contra o crime, mas sim em defesa de seus próprios interesses.

Os jogos de poder, retratados em *O Matador* são demonstrados pela admiração de Dr. Carvalho e seus amigos ao trabalho do Matador; pelo delegado Santana e também pelos antes amigos, agora subordinados de Máiquel. Esses jogos se mantêm apenas enquanto a situação permanece sob controle. Quando Máiquel é acusado pelo assassinato de sua primeira esposa Cledir e por ter agredido o pastor Marlênio, não só perde a empresa, mas todo o apoio e o poder que imaginava ter por seus laços sociais. Em um ato de traição, o delegado encarrega-se de efetivar sua prisão para impedir qualquer suspeita de vínculo com o protagonista, e chega ao extremo de mandar matá-lo em sua cela para assegurar seu silêncio. Naturalmente, ao arrestar Máiquel, Santana adquire fama e reconhecimento, semelhante ao que ocorre em *Tropa de Elite 2*, em que ao dominar a favela, os policiais corruptos conquistam a empatia dos moradores do local e conseqüentemente atraem a aliança de políticos que utilizam a notoriedade

como mote eleitoral. Esse contexto é bem explicitado em um almoço que comemora a pacificação de uma favela e no qual estão presentes o governador do Rio de Janeiro, candidato à reeleição, aspirantes a deputado federal, e policiais que fazem “as honras da casa”, como se fossem os proprietários do local. O povo comemora e aclama os discursos políticos proferidos, em meio à cena que mistura comida, bebida, música e armas.

Assim, a violência e a corrupção estimulam um círculo vicioso que contrapõe poder e miséria. Um contexto que, ao mesmo tempo em que choca o telespectador ou o leitor, ratifica um discurso de que o Brasil é um país corrupto. Talvez por isso a simpatia pelo Coronel Nascimento ou por Máiquel alcance tanto êxito: em meio à barbárie, mesmo que o próprio protagonista seja um braço importante de uma máquina violenta, ainda assim ele é uma ínfima esperança de punição ao crime. Leitores e telespectadores se veem em muitos momentos prazerosamente vingados contra o assaltante, o traficante, o político corrupto. Mesmo que essa vingança não passe do terreno imagético da representação cinematográfica ou de uma literatura cada vez mais semelhante ao ritmo audiovisual, da lógica do simulacro (em que tudo se transforma em representação) e da espetacularização de uma realidade que talvez ele nem conheça pessoalmente.

Por fim, conclui-se que em um contexto em que se as artes dialogam entre si, produtos como *O Matador* e *Tropa de Elite 2*, conquistam espaço por se encaixarem em um novo modelo de produção cultural que representa a sociedade contemporânea:

A característica central da expressão cultural pós-moderna é o pluralismo. Na celebração desse pluralismo, os artistas pós-modernos justapõem, deliberadamente, estilos aparentemente contraditórios derivados de fontes imensamente diferentes. [...] As obras culturais pós-modernas apresentam, frequentemente, ‘duplicidade de código’ e significado em dois níveis (GRENZ, 1997, p. 41-42).

E se, para ter êxito é preciso representar um contexto social através do qual o telespectador ou leitor se identifique, a violência se torna um dos panos de fundo mais explorados pelos produtos culturais da atualidade. Assim, por cumprir sua meta de gerar identificação com um público imerso em uma sociedade violenta, em um tempo histórico no qual os referenciais são múltiplos e confusos, obras como *O Matador* e *Tropa de Elite 2* possuem seu peso no cenário pós-moderno e não podem ser ignoradas. Ainda que a sociedade contemporânea caracterize-se, em tese, pela monopolização da força pelo Estado (que deveria assegurar espaços pacificados), estas narrativas demonstram que na prática os jogos de poder e violência espalham-se por todas as classes sociais, da favela ao Senado brasileiro, e ditam a ordem existente.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. xx-yy, jan.-jul., 2011. Recebido em 29 maio; aceito em 7 jun. 2011.

RESUMEN: El artículo propone un análisis comparatista entre la película *Tropa de Elite 2 – o inimigo agora é outro*, de dirección de José Padilha, y la obra literaria *O Matador*, de la escritora Patrícia Melo, a partir de la lógica de la violencia presentada en ambos productos. También serán comparados algunos aspectos semejantes de los protagonistas de las dos narrativas, donde se pone la perspectiva de personajes en posiciones sociales distintas, pero que vivencian de manera análoga el límite entre las conductas del bien y del mal. El objetivo del análisis es intentar comprender cómo la temática de la violencia se relaciona con aspectos simbólicos de la realidad contemporánea.

PALABRAS-CLAVE: Violencia, Tropa de Elite. Patrícia Melo.

Referências

CUNHA, João Manuel dos Santos. Literatura e Cinema: Modernismo e Modernidade. In: *A Mandala e o Caleidoscópio: Ensaio de literatura brasileira contemporânea*. Cíntia Schwantes (Org.). Pelotas: UFPEL, 1999.

GRENZ, Stanley. *Pós-modernismo*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

KEEN, Sam. *O Homem na sua plenitude*. São Paulo: Cultrix, 1991.

MELO, Patrícia. *O Matador*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PELLEGRINI, Tânia. No fio da navalha: literatura e violência no Brasil de hoje. In: *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*, Regina Dalcastagnè (Org.). São Paulo: Horizonte, 2008.

_____. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. In: *Revista Crítica Marxista*, 2005.p.132-153. Disponível em: <www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica21-Apelegirni.pdf>

SCHOLLHAMMER, Erik K. Breve mapeamento das relações entre violência e cultura no Brasil contemporâneo. In: *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Regina Dalcastagnè (Org.). São Paulo: Horizonte, 2008.

SIMIS, Anita. *Estado e cinema no Brasil*. São Paulo: Anablume, 1996.

Site Agência Nacional do Cinema. Disponível em: <http://www.ancine.gov.br>. Acesso em: 20 de maio de 2011.

Site Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Disponível em: <http://www.dc.mre.gov.br>. Acesso em: 20 de maio de 2011.

Site Tropa de Elite 2 – O inimigo agora é outro. Disponível em <http://www.tropa2.com.br/>. Acesso em: 20 de maio de 2011.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. xx-yy, jan.-jul., 2011. Recebido em 29 maio; aceito em 7 jun. 2011.

SOARES, Luiz Eduardo. BATISTA, André. PIMENTEL, Rodrigo. *Elite da Tropa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

Revista Literatura em Debate, v. 5, n. 8, p. xx-yy, jan.-jul., 2011. Recebido em 29 maio; aceito em 7 jun. 2011.